

## UMA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO- GEOGRÁFICA SOBRE O MUNICÍPIO DE GUAJARÁ-MIRIM (RO)

Joely Coelho Santiago<sup>1</sup>

### RESUMO

O município de Guajará-Mirim, fronteira Brasil-Bolívia, estado de Rondônia, nas amazônias do Norte do Brasil, foi fundado em 10 de abril dos anos 1929. A exploração dos espaços na região de Guajará-Mirim/RO foi iniciada a partir do século XIX por expedições civis, militares, religiosas e trabalhadores de diversas nacionalidades. Dito isto, este estudo investiga, a partir de narrativas orais de vida, elementos formadores de histórias e culturas do município citado anteriormente. A pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, é fundamentada pelos estudos de Foucault (1999); Gagnebin (2007); Chamma (2012); Borzacov (2004); Teixeira, Fonseca (2001), dentre outros. Os resultados evidenciam aspectos importantes para valorização dos modos de vida de populações que foram silenciadas e marginalizadas ao longo dos séculos, contudo preservadas na memória das pessoas de mais idade e que, de uma maneira ou de outra, pode contribuir no banco de dados sobre histórias e geografia do município de Guajará-Mirim/RO.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Oral. Narrativas. Identidade. Guajará-Mirim.

## UNA INTERPRETACIÓN HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DEL MUNICIPIO DE GUAJARÁ-MIRIM (RO)

### RESUMÉN

El municipio de Guajará-Mirim, en la frontera entre Brasil y Bolivia, en el estado de Rondônia, en la Amazonía norte de Brasil, fue fundado el 10 de abril de 1929. Se inició la exploración de espacios en la región de Guajará-Mirim/RO en el siglo XIX por expediciones civiles, militares, religiosas y trabajadores de diferentes nacionalidades. Dicho esto, este estudio indaga, desde las narrativas de vida oral, elementos que forman relatos y culturas del mencionado municipio. La investigación bibliográfica, de carácter cualitativo, se basa en estudios de Foucault (1999); Gagnebin (2007); Chamma (2012); Borzacov (2004); Teixeira, Fonseca (2001), entre otros. Los resultados muestran aspectos importantes para valorar los modos de vida de poblaciones silenciadas y marginadas a lo largo de los siglos, pero conservadas en la memoria de los mayores y que, de una forma u otra, pueden contribuir a la base de datos sobre relatos y geografía de la municipio de Guajará-Mirim (RO).

**PALABRAS CLAVE:** Historia Oral. Narrativas. Identidad. Guajará-Mirim.

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI/UFAC). Mestrado em História e Estudos Culturais. Graduação em Letras e suas respectivas Literaturas. Graduação em História. Membro no Grupo de Estudo e Pesquisas Interdisciplinares Afro e Amazônicas (GEPIAA). Membro no Grupo de Estudos e Pesquisas Culturalidades e Historicidades Africanas e da Diáspora Negra (CHADE). Membro na Associação Brasileira de Literatura Comparada. E-mail: [joelyndaguapore@gmail.com](mailto:joelyndaguapore@gmail.com)

## 1. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

“Aquele tempo, Guajará estava Guajará! Agora você vê que está um farrapo, já” (Dona Olandina).

A epígrafe que abre alas a este texto se trata do excerto de narrativa de uma antiga moradora de Pedras Negras, no Vale do Guaporé/RO, residente nos dias atuais do município de Guajará-Mirim/RO, localidade na qual migrou com sua família nas primeiras décadas do século XX. Dona Olandina, assim como tantas outras mulheres e homens, trabalharam em seringais, castanhais, pescadas, roças de subsistência e extração da poaia<sup>2</sup>. Ela vivenciou de perto as várias formas de sustento nos rios e florestas da região. Em dias atuais, dona Olandina sobrevive da aposentadoria como “soldado da borracha” e relembra com saudade das épocas na Mata Amazônica, dos primeiros arruamentos em Guajará-Mirim e os rumos que o segundo município mais antigo do Estado tem seguido. Em 2023, esse município completou 94 anos de fundação e na interpretação da antiga moradora: “Guajará está só com o nariz de fora que é para respirar” (Olandina).

Neste estudo, a partir de narrativas orais de vida de duas contadoras de histórias – dona Olandina (80 anos) e dona Amélia (82 anos) – foram registrados elementos formadores de culturas e identidades do/no município de Guajará-Mirim. Dentre os principais aspectos, o processo de migração das famílias do Vale do Guaporé que procuraram o município na perspectiva de melhores oportunidades de vida.

Os primeiros deslocamentos humanos para o município de Guajará-Mirim/RO iniciaram a partir do final do século XIX formados por grupos sociais que procuraram a localidade para trabalhos ligados à construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré – E.F.M.M. Homens e mulheres de diferentes nacionalidades se reorganizaram e criaram formas de se comunicar uns com os outros, já que um dos grandes desafios era a diversidade linguística existente (TEIXEIRA; FONSECA, 2001).

A relação de trabalhadores, em Guajará-Mirim, resultou em uma localidade constituída por indígenas (já residentes), gregos, libaneses, bolivianos, quilombolas e outros grupos sociais. Em 2009, Guajará-Mirim recebeu o título “Cidade Verde”<sup>3</sup> em justificativa de suas reservas, rios, parques naturais, fauna e flora. Nesta perspectiva, este estudo pode colaborar com uma interpretação sobre

<sup>2</sup> Raiz medicinal comercializada com seringalistas.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guajar%C3%A1-Mirim> Acessado: 03 de abril de 2023.

histórias de pessoas que viveram em épocas distantes das nossas e que podem vir a mostrar relações sociais e linguísticas estabelecidas entre grupos de trabalhadores/as e colonizadores no processo de formação identitária do município de Guajará-Mirim/RO.

Vozes silenciadas que, nos últimos tempos, têm sido ouvidas com maior frequência nos espaços acadêmicos, que por sua vez, visam narrativas orais de vida daqueles que participaram de importantes processos na formação do município. De toda forma, o objetivo neste estudo “não visa produzir um outro discurso histórico tão exaustivo e coerente como aquele ao qual se opõe. O conhecimento do passado não é um fim em si” (GAGNEBIN, 2007, p. 104).

A pesquisa bibliográfica e etnográfica do tipo qualitativa, foi desenvolvida, especificamente, nos primeiros meses de 2023, na qual foi possível a revisão bibliográfica e análise sobre a história e geografia de Guajará-Mirim/RO. Para isso, à moda brasileira, nos amparamos na metodologia fundamentada por Laurence Bardin (2010) e seus estudos sobre análise de conteúdo que seguem caminhos norteadores que vão desde a organização de análise, codificação, categorização, tratamento dos resultados, inferência à interpretação dos resultados para, então, analisar interpretar os dados.

No campo pessoal, o estudo deste tema é justificado pelo fato de minha família, antes residente em Pedras Negras, no vale do Guaporé/RO, assim como tantas outras famílias, procurarem áreas que ofereciam outras oportunidades de vida – trabalho, estudo e saúde – já que, naquela época, a escassez dessas políticas era muito grande. De lá para cá muitas coisas mudaram, contudo, a evasão de famílias do Vale do Guaporé ainda é considerável pelos mesmos motivos – oportunidades de estudo e saúde que ainda precisam ser revistos com olhos mais atenciosos.

Passei minha infância nas águas do Vale do Guaporé; saboreei frutos comuns da região como tarumã, goiaba-araçá, goiaba-de-tambaqui, totai, seriguela, tuturubá, lima, ata, biribá e toronja. Acompanhei de perto a cheia e a seca do rio, a formação das praias, os ninhos de gaivota na areia fina e a forma como as famílias se organizaram ao longo do ano no tempo de semear e no tempo de colher, em comum acordo com os ciclos da natureza. Cresci comendo carne de caça de veado-do-campo, nambu, cutia, paca e peixes como piranha doce, piranha-cabeçuda, tambaqui, pacu e tantos outros que fazem parte da dieta dos guaporenses. Corroborando Jeanne Gagnebin (2007) quando afirma que: “[...] o fio da linguagem, às vezes entrecortado, às vezes rompido, o fio da história que nós narramos uns aos outros, a história que lembramos, também a esquecemos e a que, tateantes, enunciamos hoje” (GAGNEBIN, 2007, p. 92).

Vi de perto nossas bagagens serem feitas, porque iríamos tentar a vida em Guajará-Mirim. Na escola multisseriada da comunidade era ofertada apenas até o 3º Ano do Fundamental I. Na memória, levamos nossa casa em paxiúba, a canoa, os remos, a tábua de lavar roupas, o movimento das águas, o pulo das grandes pedras negras às águas do Guaporé, as cantigas e brincadeiras de roda, os cheiros e os sabores dos frutos colhidos na roça, nas águas e nas florestas.

Neta de homens e mulheres das/nas *Amazônias* que sobreviveram na Mata em diversas atividades. Meus avós nasceram e criaram seus filhos na região, aprenderam técnicas específicas e repassaram conhecimentos de geração a geração. Não tiveram oportunidade de decifrar letras e números certificados nas instituições de ensino. Para curar enfermidades utilizaram chás, banhos e garrafadas com ervas, cascas, folhas e raízes colhidas da Mata ou então rezas e benzimentos de homens e mulheres benzedores.

Aqui, considero importante mencionar a afirmação de Foucault (1999, p. 54) sobre o discurso: "[...] o que é próprio do saber não é nem ver nem demonstrar, mas interpretar." Neste processo, discurso é sempre um ato de interpretação, uma reflexão sobre alguma coisa, mesmo que a narrativa discursiva seja sobre um discurso *a priori*, pois é nesse fazer discursivo que interpretamos e apresentamos novas percepções sobre o mundo e as coisas e os seres que o constituem. Desta forma, é possível interpretar que discursos são (re)produzidos pelos sujeitos de forma individual e/ou de forma coletiva, sempre a partir de um determinado campo do saber, mas que nem sempre essas manifestações discursivas são (re)produzidas de forma consciente pelos sujeitos sociais (FISCHER, 2013). Nesta perspectiva, o estudo dessa temática pode colaborar com uma interpretação de relações sociais e culturais reorganizadas entre homens e mulheres nas *Amazônias*, privilegiando a memória coletiva e individual de pessoas que participaram desses processos, sobretudo as mais idosas.

## 2. UM INTERPRETAR DE DADOS E RESULTADOS

Geograficamente, o município de Guajará-Mirim está localizado no estado de Rondônia, na região que nomeamos Norte do Brasil, Amazônia Sul-Occidental Brasileira. O município faz fronteira com Guayaramerín/BO. Possui proximidade com o Rio Mamoré (que tem seu curso pelos territórios da Bolívia e do Brasil, e suas águas juntas ao Rio Guaporé constituem o Rio Madeira:

Até os finais do século XIX, Guajará-mirim constituía-se apenas de alguns seringais, sem nenhuma povoação que chamasse a atenção. Com a construção da Ferrovia Madeira-Mamoré teve início a formação de um núcleo urbano a partir do ponto final da estrada de ferro. A região tinha seus seringais explorados pela Guaporé Rubber Company, então gerenciada pelo Coronel Paulo Saldanha. Dentre os principais locais

destacam-se o Rodrigues Alves, Santa Cruz e Renascença. Os seringueiros viviam da coleta do látex e de um reduzido comércio com a vizinha povoação boliviana de Guayaramerín. Os indígenas que moravam na região representavam uma constante ameaça e impedimento ao trabalho dos seringueiros. Dentre eles destacam-se os Pacaás Novos (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 144).

Discutir sobre a formação do município de Guajará-Mirim/RO, evidentemente, instiga pensar sobre o significado do seu nome. Entre os estudiosos regionais há um consenso ligado ao Tupi-guarani que significa “cachoeira pequena”. Tereza Chamma (2012) fez um estudo sobre a origem dessa nomenclatura, no qual cita o autor Juan Avaroma:

Guajará-Mirim no idioma indígena tem o seguinte sentido; Gua = campo; Yara = duende (anfíbio cheio de sedução da mitologia amazônica). A palavra Guajará de acordo com os dicionários Tupi-guarani tem o significado: Campo das Yaras ou Sereias [...]. O historiador boliviano Juan Carlos Crespo Avaroma no seu livro “Decálogo de la geo-história Guayaramirensis” p.82, diz; “lá palavra Guajará-Mirim, no es portuguesa, ni española, tampoco es guarani, ni tupi, es originária de las lenguas amazônicas y su creación se la debemos a los toromanas, portugueses, caripunas, tacanhas, arañas, chapacuras tupi, mojeños, guarani, em honor y respeto a todas ellas.” Em suas pesquisas o historiador Abnael Machado de Lima encontrou o significado do vocábulo Guajará, como “nome da árvore sapotécca (*chrysophyllum excelsum*); nome da árvore tintória com a tinta do qual se pintavam os índios; nome da planta apocanáceas, (em dialeto tupi) é duende invisível” (CHAMMA, 2012, p. 43-44).

Desta forma é possível observar que, na literatura regional, o nome se originou do tronco linguístico de povos indígenas amazônicos. Vale lembrar que há sob jurisdição do município variados povos como Oro Mon, Oro Waram Xijein, Oro Waram, Oro Nao', Oro At, Canoé, Oro At, Oro Eo, Oro Win, Cabixi, Oro Jowin, Wajuru, Macurap e Uru Eu Wau Wau (FUNAI<sup>4</sup>, 2020) já residentes antes mesmo do município ser fundado. Não obstante, a aldeia Sagarana, historicamente ocupada por famílias indígenas, localizada há duzentos e sessenta e seis quilômetros do município de Guajará-Mirim/RO, onde reside em seu entorno famílias Oro Nao, do Rio Pacaás Novos e Oro Mon da região Igarapé Ribeirão. O processo de ocupação em Sagarana iniciou com a procura de indígenas diagnosticados com sarampo e malária para atendimentos médicos feitos por missionários católicos, dentre eles o Frei Luiz Gomes de Arruda e Padre Alexandre Bendoraitis (SENLE; SANTOS, 2017).

Nesta perspectiva, é possível interpretar que o genocídio dos povos indígenas se iniciou de forma gradativa, a partir de um processo de conquista pelos colonizadores portugueses e membros da religião dominante. Em um primeiro momento ocorreram contatos sangrentos e, mais adiante:

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br> Acessado 03 de abril 2023.

O indígena “amansado” que colaborava tanto nas expedições que devassaram a Amazônia, a partir do século XVII, quanto como trabalhador direto nos estabelecimentos agrícolas e extrativistas coloniais. A serviço do colono particular, do missionário, mas também sujeito ao aparelho burocrático e militar do Estado Português, construíram fortificações, abrindo estradas, nos deslocamentos militares que garantiam as rotas de comércio, nos estaleiros e pesqueiros reais (TEIXEIRA, FONSECA, 2001, p. 13).

Compreendemos que esses projetos de conquista, geralmente, ocorriam com a finalidade desenvolvimentista, na qual o colonizador transformava o indígena em mercadoria e mão-de-obra escravizada em diversos trabalhos, apesar de serem vistos como impedimentos do progresso. A narrativa oficial evidencia povos sofredores, homogêneos, que precisavam de um sistema paternalista para sobreviver, no qual colonizadores foram: “[...] conquistando seus territórios, escravizando-as ou exterminando-as” (TEIXEIRA, FONSECA, 2001, p. 7). Muitas vezes, observa-se um discurso positivista nas teorias de exploração europeia nos espaços amazônicos, pois o “positivismo é considerado, no mínimo, como uma maneira conservadora e preconceituosa de elaborar o conhecimento por grande número de cientistas sociais” (PAULILLO, 1999, p. 62).

O trabalho de conquista daqueles que chegaram para governar a região e a vida das pessoas que já residiam estão perpetuadas em vários espaços do município de Guajará-Mirim: nome de ruas, praças, construções civis (escolas, estádio), estátuas de “grandes homens” e na letra do hino oficial<sup>5</sup> no qual a menção à palavra “trabalho” aparece quatro vezes, demonstrando muito mais a forma de quem chegou para “trabalhar” pela região do que aqueles que já residiam na região, vistos como preguiçosos que precisaram de um “salvador” e/ou paternalista:

Uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos. Há dois sentidos para a palavra “sujeito”: sujeito submetido a outro pelo controle e a dependência e sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si. Nos dois casos, a palavra sugere uma forma de poder que subjuga e submete (FOUCAULT, 2008, p. 132).

Populações indígenas, também, foram vistas como mercadorias e mão de obra passível de ser escravizada aos interesses da coroa portuguesa, pois:

Apesar de o índio ser considerado incapaz e sujeito à proteção legal, estava sujeito ao serviço das aldeias e ao serviço público e militar [...]. Como no império a constituição não fazia menção ao indígena e no código civil eram considerados incapazes a certos atos e a maneira de praticá-los e, portanto, sujeitos à tutela do Estado (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 19).

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.letras.mus.br/hinos-de-cidades/945518/> 4 de abril de 2023.

Desta forma, o século XVIII foi marcado por esse processo de conquista e invasão dos territórios indígenas nas áreas que hoje fazem parte dos limites da Amazônia, especificamente no estado de Rondônia. A partir do século seguinte, o XIX, a região vivenciou o chamado 1º Ciclo da Borracha, época em que diversos seringais foram explorados nos vales: “[...] Madeira, Mamoré, Guaporé, Purus e Juruá e pelos afluentes desses rios” (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 23). Portanto, a região vivenciou intensa migração de homens e mulheres para serviços em colocações de seringa à produção da borracha como matéria-prima:

Tinha trabalho que eu ia com Anselmo. Anselmo era o chefe do Batelão que ia levando o batelão cheio de mercadoria...que ele era freguês de Vítor Quintão; com Elías Quintão. E era um bocado de freguês, não era só um só não. Era de 20, 30 homens. Ia tudo para o seringal cortar seringa, fazer borracha. Nesse tempo, nós já tínhamos ido já. Que nós estamos no fim de junho. Ia em abril para o seringal que ia com o batelão cheio de mercadoria (Olandina).

Mulheres e homens embrenharam Mata adentro para produzir a borracha, no Vale do Guaporé. O transporte da matéria-prima era feito, inicialmente, em canoas e chatas<sup>6</sup>. Mais adiante, anos 1944, esses transportes foram substituídos pelo, então desativado, Serviço de Navegação do Guaporé (SNG): “com as mesmas finalidades de uma empresa. Foi-lhe atribuída mais uma linha de navegação, a de Cabixi, dando ênfase ao aumento de produção” (CHAMMA, 2012, p. 161).

Os trabalhadores comercializavam toda a produção com os patrões, também nomeados seringalistas, aqueles que se intitularam donos das colocações de seringa. O trabalhador iniciava a safra com débitos, pois as ferramentas utilizadas nas colocações eram compradas a prazo. Sem ter quem colhesse suas plantações, estando as famílias ocupadas nas colocações de seringa, os trabalhadores adquiriram outros tipos de débitos nas áreas alimentícias (BENCHIMOL, 1999). Uma dívida que raramente era quitada, gerando uma relação de prisão estabelecida entre seringueiro e seringalista nas várias colocações de seringa nos espaços da Mata Amazônica:

A produção do Grande Vale era transportada para Guajará-Mirim e a ferrovia a levava para Porto velho, onde seguiria em outros barcos para seus destinos. A contribuição da navegação foi altamente favorável e precisa [...]. Uma das inovações, de carácter progressista, foi o sistema da travessia do Rio Mamoré, para alcançar a cidade vizinha de Guayaramerín, que antigamente era efetuada a remo, em canoa, consumindo mais de meia hora para vencer o trecho no inverno, pois era muito correntoso. Os americanos trouxeram motores de popa e as voadeiras, encurtando esse tempo para cinco minutos (CHAMMA, 2012, p. 162).

<sup>6</sup> Chata: tipo de embarcação em madeira.

O 2º Ciclo da Borracha aconteceu com a Segunda Guerra Mundial e, mais uma vez, o fluxo migratório se intensificou a fim de satisfazer interesses norte-americanos. Observa-se, nessa época, a abertura de estradas como a BR-364. Paralelamente à essa leva de migrantes de trabalhadores à produção da borracha, um grande contingente formado por nordestinos, “[...] a descoberta de metais e pedras preciosas, de cassiterita e a abertura da BR-364 fez com que os territórios indígenas fossem ocupados por grileiros e posseiros que promoviam massacres para afugentar os nativos dessas áreas” (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 27).

Neste sentido, é oportuno mencionar que no município de Guajará-Mirim, até finais do século XIX, ainda era possível encontrar variadas formações de seringais, dentre eles o “Rodrigues Alves e o Renascença. Os seringueiros viviam da coleta do látex e de um reduzido comércio com a vizinha povoação boliviana de Guayaramerín” (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 145). Portanto, uma região amazônica construída sob projetos europeus, sujeitada ao colonizador e seus projetos de desenvolvimento: “paralelamente à construção de ferrovias, o telégrafo deveria ser um instrumento de modernidade, capaz de assegurar a chegada do progresso e estabelecer a civilização nos confins isolados do país (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 146).

Não obstante, a narrativa de viajantes continua numa Amazônia homogênea, de lugar vazio, quente, desértico e insalubre que precisou do estrangeiro para sair da obscuridade e do atraso (GONDIM, 2007). Assim, no processo de colonização, modernidade e progresso, foi a partir de meados do século XIX que:

Em 8 de outubro de 1912, foi instado um posto fiscal em Guajará-Mirim, administrado pelo guarda Manoel Tibúrcio Dutra. O município foi criado em 1928, pela Lei nº991, assinado pelo presidente do Estado do Mato Grosso, Mário Correia da Costa. A instalação do município ocorreu em 10 de abril de 1929, tendo como 1º Intendente nomeado, Manoel Boucinhas de Menezes (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 144).

Nesta direção, a partir de trabalhos para instalação de telégrafos organizado pela Comissão das Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas:

encarregado pelo presidente Afonso Pena, em 1907, de chefiar uma nova comissão, que ligaria por linha telégrafa Cuiabá ao Amazonas [...] decidiu estender os fios do telégrafo até a localidade de Santo Antônio do Rio Madeira ao Acre. A tarefa foi realizada em três etapas nos anos de 1907, 1908 e 1909, concomitantemente, portanto, à construção da ferrovia (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 147).

Sendo assim, empreendimentos dos telégrafos e a construção da EFMM<sup>7</sup> foram realizados sob vigilância e controle rígidos encabeçados por civis e militares no qual

grande parcela desse contingente era arregimentado de forma violenta através de prisões e degredos [...] vítima da malária, febre amarela, ataques indígenas e carência de alimentos [...]. Caberia ao Estado, através do SPI o exercício de ação civilizadora e de proteção aos índios, caipiras, bugres e tapuios. O Estado deveria promover a sua reabilitação social, moral e mental, dando-lhes condições de instalarem-se junto aos postos telegráficos e estabelecimentos agrícolas (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 147-148).

A exploração dos espaços na região de Guajará-Mirim/RO se iniciou a partir de expedições civis, militares e religiosas que, evidentemente, não levaram em consideração os povos indígenas já estavam apossados na localidade. Pelo contrário, foram vistos como inimigos do progresso e da civilização, principalmente, de projetos desenvolvimentistas da própria EFMM:

a maior estação da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, das que foram construídas no início da ferrovia. Construção sólida de técnica mista, em alvenaria e estrutura externa das varandas em peças metálicas similares às da estação de Porto Velho. O corpo central tem dois pavimentos, numa área de 300 m<sup>2</sup>, o que diferencia das demais edificações para a mesma função. A cobertura é de telhado com telhas do tipo “francesa”. Hoje a construção é usada como Museu Histórico do Município de Guajará-Mirim (BORZACOV, 2004, p. 59).

Ao que tudo indica, Guajará-Mirim/RO vivenciou uma corrente migratória que se intensificou, especificamente, durante os trabalhos de edificação da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, durante os ciclos de extração do leite da seringueira para a produção da borracha, além de pessoas que procuraram a localidade para trabalhar com atividades ligadas ao comércio. Portanto “essa população, como em Porto Velho, era composta por elementos das mais diversas nacionalidades: gregos, turcos, japoneses, espanhóis, barbadianos, portugueses, ingleses, americanos, franceses” (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 145).

Colonizadores, missionários, viajantes, desbravadores e migrantes de diversas nacionalidades passaram pelo município. Alguns governaram setores dele, acumularam bens e riquezas numa localidade que tem suas origens ligadas a múltiplos povos indígenas. Guajará-Mirim, com o lema “ordem e trabalho”, completou, neste ano de 2023, 93 anos de fundação. E desde sua fundação, vários gestores da figura masculina passaram pela administração do município.

O primeiro gestor da prefeitura municipal de Guajará-Mirim/RO foi Manoel Boucinhas de Menezes (CHAMMA, 2012; BORZACOV, 2004). Antes de receber o cargo de gestor municipal

---

<sup>7</sup> Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

(1929), Menezes foi comerciante e dono de uma firma aviadora de seringais da região até o ano de 1914, quando “teve que viajar aos Estados Unidos para se tratar de uma grave enfermidade. Em 1915, regressando dos Estados Unidos, o seringalista e comerciante, estabeleceu-se na Vila de Espiridião Marquês [...], como exportador de couros” (CHAMMA, 2012, p. 77). Apesar do tratamento da doença, realizado em terras norte-americanas, suas atividades comerciais continuaram na região de Guajará-Mirim/RO. Recuperado da doença, especificamente no dia 10 de abril de 1929, ele assumiu o cargo de gestor municipal até o ano de 1937.

Florestas e seres, de todas as espécies, foram considerados objetos e impedimentos para luz e progresso; muitos resistiram como podiam, adentrando matas e rios, utilizando a natureza como rota de fuga, domesticando plantas e animais que encontravam pelo caminho e reorganizando suas vidas “estabelecendo laços e trocas que implicam em definir sobrevivências, reordenar existências, produzir valores, saberes e sentidos à vida” (ALBUQUERQUE; ISHII, 2014, p. 196).

No rio Cabixi, tive trabalhando seringa, poaia e tudo. Depois que eu vim de lá casei com Timóteo com Juvêncio, aí deixei dele e vim embora. No Guaporé eu trabalhava muito depois que eu cheguei aqui. Tive morando no Igarapé das Flores, no Sítio, no Centro, cruzando matos e matos com filho no paneiro [cesto de fibra], outros no braço (risos). Depois viemos para o Igarapé das Flores. Aí nós saía de lá, mamãe morava no Campinho. Eu vinha de lá ficava com ela um dia, aí foi indo. Quando eu deixei de Juvêncio eu fui embora atrás de minha mãe no Campinho, aí ela me acolheu. Depois eu vim pra Pedras Negras, trabalhava seringa. Morei uns quinze ou vinte anos por lá. Tive filhos em Pedras Negras, em Santa Cruz (Amélia).

A narrativa da dona Amélia (82 anos) nos mostra uma realidade comum às mulheres extrativistas, trabalhadoras da borracha. Diferente dos homens, as mães tinham que levar consigo suas crianças pequenas e de colo, envoltas num pedaço de pano que circundava o corpo, numa dupla função de tarefas, ainda pouco discutidas nos estudos acadêmicos.

Apesar das mulheres desempenharem os mesmos trabalhos que os homens, foram narradas como secundárias e improdutivas: “Eu acompanhava o homem no mato, mas cortar seringa eu nunca cortei não. Eu só ajudava” (Amélia, 82 anos). Nesta perspectiva, narradas por elas mesmas (mulheres) como “ajudantes” da figura masculina. Em seu estudo, Angela Davis (2016) afirma que “assim como as obrigações maternas de uma mulher são aceitas como naturais, seu infinito esforço como dona de casa raramente é reconhecido no interior da família. As tarefas domésticas são, afinal de contas, praticamente invisíveis” (DAVIS, 2016, p. 225).

Vidas sob o comando dos ciclos da natureza, nos trabalhos das matas e dos rios (TOCANTINS, 1973). No que diz respeito às pausas e momentos de diversão, elas aconteciam em

datas festivas dedicadas aos santos, carnaval e festas juninas, nos quais os grupos sociais reinterpretavam práticas religiosas, resultando num hibridismo entre sagrado e o profano:

Tinha a festa do Divino. Dia 08 de fevereiro, São João, 25. Carnaval, dancei muito carnaval. Acabava de dançar o carnaval aquela turmalhada de mulherada ia tudo pro mato quebrar castanha. De dia, ia tudo zoró-zoró pro mato [risos]. Mas nós fazia, né? [risos] Ia quebrar castanha. Às vezes chegava cedinho de tarde e ainda ia cortar arroz pra torrar, né? Pra deixar pros meninos cozinhar pra quando a gente chegasse do mato (Amélia).

No início do século XX, a região do Vale do Guaporé começou a vivenciar a evasão de seus moradores para municípios próximos onde ofereciam outras oportunidades de trabalho, educação e saúde. Na nova morada, homens e mulheres, sobretudo os promesseiros<sup>8</sup>, continuaram realizando as festas cultivadas no Guaporé, dentre elas, a Festa do Divino com origens ligadas a Portugal (ABREU, 2000). Na festa do Divino, o cargo de imperatriz é o maior destaque destinado às mulheres:

Não faz muitos anos que eu saí de imperatriz de Surpresa, do dia da festa do Divino Espírito Santo. Eu sou da Irmandade. O rapaz veio aqui no portão pra renovar... falei pra ele que pode renovar pra mim ser da irmandade, mas ser de imperatriz não quero mais não. Já tô velha... e só essa chegada no porto, tem que ser coisa porque senão até desmaia. É muita emoção a chegada do batelão no porto. Eu sofro da pressão alta, já sou uma mulher de idade (Olandina).

Portanto, uma manifestação cultural realizada por famílias oriundas do vale do Guaporé no município de Guajará-Mirim. Além dessa festividade que acontece em caminhada nas ruas do município, com sede da igreja no bairro São José, o festejo de São Sebastião, também no bairro São José, o de São Benedito, por uma matriarca que reside no bairro Santo Antônio, e o de Nossa Senhora da Conceição, por uma matriarca que reside no bairro Industrial. Na promoção das festas, os devotos pagam promessas, realizam tríduos e novenas, encerrados com um bailão, o nomeado “rasqueado”, comidas tradicionais como bolo de arroz, biscoito de goma, chicha<sup>9</sup> e licores nos sabores de abacaxi, tangerina e jenipapo.

O mesmo não pode ser visto no Cine Teatro Melhem, inaugurado em 1951, em Guajará-Mirim, que chegou a contar com: “378 lugares e projetores de 16mm. Este era um típico cineminha de interior que usava esses projetores de menor porte e com a facilidade das maletas com os rolos de filmes que geralmente chegavam em trem ou ônibus nas cidades mais afastadas<sup>10</sup>”. Em tempos atuais, o prédio

<sup>8</sup> Pessoa que faz/cumpr promessas para festas religiosas.

<sup>9</sup> Bebida afro-indígena preparada a base de milho e especiarias como gengibre.

<sup>10</sup> Matéria disponível em: <https://cinefechadoparareforma.wordpress.com/2015/06/12/cine-melhem-guajara-mirim-ro/>  
Acessado em: 01 abr. 2023.

do Cine Melhem - como é conhecido pelos moradores/as de Guajará-mirim, se encontra em ruínas, desativado há muitas décadas<sup>11</sup>.

Até aqui, compreendemos a importância de ouvir outras vozes para interpretar uma época distante da atual, vivida por pessoas de mais idade. Não queremos aqui classificar ninguém em perdedor e/ou vencedor, mas sim, trazer ao palco histórias silenciadas de sujeitos que não pertencem a determinadas camadas da sociedade. Um exercício que deve ser contínuo para pesquisadores/as que se dedicam a essa temática, pois:

O conhecimento do passado não é um fim em si. Porém, se a exatidão e a precisão históricas são imprescindíveis, é porque devem permitir ao historiador interromper, com conhecimento de causa, a história que hoje se conta, para inscrever nessa narrativa, que parece se desenvolver por si mesma, silêncios e fraturas eficazes (GAGNEBIN, 2007, p. 104).

Na mesma época, década de 1930, em que foi inaugurado o Cine Melhem, também foi inaugurado um outro cinema, o Cine Guarani (CHAMMA, 2002). Atualmente, no entanto, o município sobrevive em meio ao abandono nas memórias das famílias que participaram dessas atrações cinematográficas que existiam na época. E, assim como o Vale do Guaporé após os ciclos da borracha, Guajará-Mirim patina com o pires na mão enquanto suas famílias assistem a evasão dos mais jovens que migram para áreas que ofereçam melhores condições de estudo e trabalho. Um importante município conhecido como localidade fantasma<sup>12</sup> que um dia já teve: cinemas, clubes, times de futebol, bandas de músicas, festivais folclóricos e etc.

### 3. CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR

Neste estudo, fora interpretado elementos históricos e geográficos do município de Guajará-Mirim/RO, a partir de narrativas orais de vida de duas mulheres que nasceram e viveram nos espaços do Vale do Guaporé/RO: dona Olandina (80 anos de idade) e dona Amélia (82 anos de idade). Fragmentos de narrativas orais de vida foram registradas a partir da memória discursiva sobre uma região que vivenciou fluxos da borracha e de homens e mulheres que buscaram outras formas de sobrevivência no município localizado na fronteira internacional Brasil/Bolívia, no estado de

<sup>11</sup> Matéria disponível em: <https://maisro.com.br/construcoes-historicas-viram-ruinas-em-guajara-mirim/>. Acessado em: 01 de abr. 2023.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ytvvDKcVgm0> Acessado em: 06 de abril de 2023.

Rondônia, Amazônia Sul Ocidental-Brasileira e, que no ano 2023, completou 94 anos de fundação, explorado desde o século XIX por expedições civis, militares, religiosas e trabalhadores diversos.

O fluxo migratório, intensificado durante os ciclos da borracha e a efetivação de projetos de desenvolvimento, fez com que Guajará-Mirim vivenciasse uma intensa fase de revolução tecnológica, como a criação de atrativos a partir de famílias de imigrantes que constituíram comércios na localidade. Não obstante, a própria gestão municipal iniciada por antigos seringalistas que arrendaram colocações de seringa para homens e mulheres produzirem a borracha e, assim, abastecer mercados externos. Além disso, membros da religião dominante e colonizadores nacionais e estrangeiros que enriqueceram a custo do sangue e suor da população indígena (já residente) e da população negra, levada no processo de diáspora para realizar trabalhos nas minas auríferas e construções civis. Nesta perspectiva, dentre os principais aspectos do estudo, destacamos ciclos da borracha, a relação de poder entre seringueiro e seringalista, a migração de homens e mulheres para o município de Guajará-Mirim e a difícil realidade que o município vivencia com a escassez de trabalho, saúde e educação.

Considera-se que este estudo é uma interpretação sobre história e geografia do município de Guajará-Mirim e as estratégias de luta e sobrevivência utilizadas por homens e mulheres, trabalhadores da borracha, sobretudo as famílias migrantes do Vale do Guaporé em contato com os povos indígenas originários e outros grupos humanos que fizeram parte da constituição social e histórica de Guajará-Mirim no qual foi possível ouvir vozes outras.

Culturas e modos de vida que foram ressignificados no cotidiano e repassados de geração a geração a partir do contar de histórias dos mais idosos, de “boca a ouvido”, pois “o testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem [...]. Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 162).

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do Divino** – Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. ISHII, Raquel Alves. Cultura e Natureza, Arte e Política na Amazônia acreana. In: **Fragmentos de Cultura**. Goiânia, v. 24, n. 2, p. 195-210, abr./jun. 2014.

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2010.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. Manaus: Editora Valer / Editora da Universidade do Amazonas, 1999.
- BORZACOV, Yêda Pinheiro. **Estrada de Ferro madeira-Mamoré: uma história em fotografias – 2ªed Português, Espanhol e Inglês**.
- BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- CARAVITA, Adriana; ARRUDA, Luiz Gomes. **Dom Rey: O primeiro bispo de Guajará- Mirim – centenário de seu nascimento, 1902-2002**. São Paulo, 2002.
- CHAMMA, Maria Tereza Merino. **Guajará-Mirim: A Pérola do Mamoré**. São Paulo: Schoba, 2012.
- CONTANTINIDOU, Vassiliki Thomas. **Os guardiões das lembranças: memória e história dos imigrantes gregos no Brasil**. São Paulo: Ed. Do autor, 2009.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In. **Estudos do Discurso: perspectivas teóricas**. OLIVEIRA, L. A. (Org.) São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FUNAI. **Fundação Nacional dos Povos Indígenas – Governo Federal**. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br>. Acessado em: 03 abr. 2023.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: perspectiva, 2007.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2007.
- HAMPATÉ BÁ, Amadou. **A tradição viva**. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. Brasília: UNESCO, 2010.
- PAULILLO, Maria Ignez S. A Clara rejeição feminista a um positivismo obscuro. In: SILVA, Alcione Leite da [et. al.]. **Falas de Gênero: Teorias, Análises, Leituras**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- SENLE, Marília; SANTOS, Tiago Moreira dos. **Nós, os Wari' de Sagarana: levantamento Socioambiental da terra indígena Sagarana**. (Org.) 1ª ed. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2017.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues; FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional:** Rondônia. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida:** uma interpretação da Amazônia. São Paulo: Biblioteca do Exército, 1973.

*Data de submissão: 15/04/2023*

*Data de aprovação: 11/05/2023*